



Cia. da Boca do Silo José do Rio Preto apresenta:

O Girassol



Texto e Direção: Perpétuo Peralta

*Com Vanessa Palmieri, Clara Bonceti, Stéfan Leschonsky,
Luiz Thiago da Mota e Perpétuo Peralta*



Sobre Girassóis

O nome científico do Girassol é *Helianthus annuus* – o que explica sua importância e porte majestoso: a palavra *Helianthus* significa “Vitor do Sol” (do grego *Helios* – sol e *anthos* – flor). Além de bonita, a planta é utilíssima, pois do Girassol se aproveitam todos: sementes, flores, ramos e até as raízes. Possui uma ampla capacidade de adaptação às condições de latitude e longitude. Trata-se de uma planta robusta e muito resistente, que produz flores na primavera e no verão, mas pode florescer o ano todo.

Possui uma intrigante rotatória, voltando-se para onde o sol estiver, mesmo que seja escondido atrás de uma nuvem. Acompanha as diferentes posições do sol, girando com ele, até que finalmente o girassol amadurece e se fixa na posição do sol nascente.

O ser humano geralmente busca, assim como o Girassol a luz que promove o seu desenvolvimento, estimula a vitalidade, a força e a beleza que existe dentro de cada um, e incentiva o amadurecimento e o descobrimento da própria identidade. Apesar de não existir ainda um parâter sobre o que leva a pessoa a ser de um jeito e não de outro, sabe-se que aquelas pessoas que conseguem transformar a sua dor em aprendizado, mostram-se mais resilientes à inúmeras doenças, e portanto mais felizes.

Aprender a lidar com a angústia é aprender a lidar com a vida. Atravessar períodos difíceis, sentir dor, sofrimento, pesar... é algo inerente a natureza humana, embora alguns ainda acreditem de forma fantasiosa que certas pessoas nunca sentem dor, isso não corresponde a realidade.



Sinopse do Espetáculo

"O Girassol" – Cia. da Boca

"O Girassol" conta a história de *Beia*, menina do interior que não gosta do mundo onde vive e quando adulta sai em busca da vida que sonha ter. Assim como os girassóis que seu pai cultiva no sítio em que moram, que giram ao longo do dia buscando a luz do sol e que acabam voltando ao mesmo lugar, ele retorna ao lar para perceber o quanto sua partida alterou tudo ali.

Trata da terra, da forma em que estamos ligados à ela e das escolhas que fazemos, o interior onde moramos e aquilo que mora no nosso interior.



O Girassol

Perpétuo Peralta

Personagens:

Augusto – o pai

Ana – a mãe

Bras – o filho

Costa – o menino

Lindaura – a vizinha

Maurício – o loque

A ação se passa inicialmente numa época qualquer e depois passados 10 anos. É a frente de uma residência simples mas muito bem cuidada, com um al. Ao fundo restolva de girassóis. Terra no chão, com algumas pedrinhas, muito amarela, laranja e vermelha. Os demais elementos e objetos formam a corpa da diáspora.

1º ATQ

Cena I

(Entra Ana vestida, com uma bolsa de roupas para lavar, cantando “Rosa Amarela”. Bras chega da escola após um tempo, com roupas de escola primária antiga (short azul, camisa branca, sapato preto, mas o material de escola nem combinam a idade. Beija a mãe)

BRAS: Bom dia!

ANA: Bom dia, filho! (Bras se senta e fica observando a mãe) Que dia?

BRAS: Nada não.

ANA: Então porque tá olhando com essa cara de tédio? Parece até que tá tão cansado! (Puxa a mão no rosto da filha brincando)

BRAS: Ah mãe... é que de uma dó só a cabeça levanta roupa de um jeito...

ANA: (Achando certa graça) Deixa de se toco mesmo... Tu já tá acostumado... lava roupa de um jeito de lá e que tinha a sua idade (grava, Bras continua observando) Tem tarefa?

BRAS: Só um pouco.

ANA: Então leva a mãe a vai lavar? Depois precisa de volta milha pra cá pra lavar pra galinha.

BRAS: Ah mãe... o Tio não faz aqui... Eu só faço tarefa e fica estudando... Não sei colocar roupa pra galinha não!

ANA: (Sarcas) Que é isso moleque? Tu pode pedir uma maria de um responde não? Foi dia que tu tá me desobedecendo... Acho que tu tá fora do teu pai, tá não com você?

BRAS: (Não dando importância) Mãe... a cabeça nunca pensa em te uma vida melhor?

ANA: E por acaso tu já te reclama da minha vida?

BRAS: Não precisa não.

ANA: (Não entendendo) Tu tá falando que a minha vida é ruim?

BRAS: Não mãe... eu só queria que fosse diferente... Que a gente pudesse ter tudo aquilo que queremos... Não mãe... que a gente tivesse bastante dinheiro!

ANA: (Estando a pensar) Ih moleque... não vem de novo com essas coisas não! Por algum acaso tá falta comida aqui? De jeito que tá tá parecendo até que a gente possa fazer das coisas.

BRAS: Não é isso mãe...

ANA: (Correndo) Acho que o que tá falta é serviço! Cabeça desocupada é cheia de tristeza. Vai fazer a tua tarefa e não deixa lavar roupa nem lavar a...



BRAS: (Entra emburrada) Ai que hora são...

ANA: É essa hora aqui... (Continua a lavar roupas e canta "Alcega")

Cena II

Entra Augustão sujo de terra, segurando uma vassoura, já muito batido no trabalho no campo. Tem na mão esquerda um regador muito velho e já enferrujado e na outra mão três pitangas. Tem um embrulho a tiracolo com uma "mamãe" de alumínio já bem velha e usa um também bastante abastado (de palha). Ele se senta, cansado de um dia de trabalho, a memória acaba e sua mulher vem correndo, ela usa um lenço na cabeça, vestindo uma fantasia detalhada com avental, calça chinelos de dedo, vai falando com ele enquanto paga a mamãe.)

ANA: Bom dia, filho! Que?

AUGUSTO: É que fiquei olhando um pouco pros Gêmeos. Ce viu que coisa linda? Eles são abendo todos de uma vez só.

ANA: É ando dano uma aflição sim. Tão mesmo muito bonito (Continua a lavar roupas muito mais grande)

AUGUSTO: (Grita) Brás!! Vem guarda o chapim da pai.

BRAS: (prontamente) Daí pai. Vá coloca lá em cima da porta lá?

AUGUSTO: Tá sim... é la mesmo que eu gosto que ele fique. E a sacola como foi hoje?

BRAS: Mesmo corado todo dia pai. (Ponha um pouco e fala) Se me conta as novidades depois.

AUGUSTO: Porque filha? Eles não se encontram?

BRAS: Não. É que eu acho que eles são tudo muito bom pai. (A mãe para de lavar roupas e começa a lavar a conversa)

AUGUSTO: Ô é... não fala assim dos outros menino não. Não é certo. Ce tem é que agradece a Deus por tudo faz tudo e que a professora pensa.

BRAS: Eu sei pai... Mas eu acho sim assim mesmo. Eles vem sempre todo hoje pra escola. Tudo cheio de terra. Tem hora que dá um rogo de fica parte delas.

AUGUSTO: (Apertando o seu pouco sorriso) Não Brás... Não é assim, e isso você não pode dizer. Eles abaga sujo de terra porque trabalham nela. A Terra é mais que a nossa mãe, dela que a gente tira nosso sustento e é dela que tem jeito de de tudo aí e mesmo de de tudo mundo, das pessoas e das coisas.

BRAS: Mas eu não sei falar! Aquelas moleque é que são, vive tudo pensando tudo. Não deveria nada que eles são como terra. Ce acha que só pai, eles nem fga para coisa que a Dona Arlene fica explicando pra gente. Só ficam todo falando de porco, capri, planta... Farcia aí que eles não se interessam em aprender coisa de verdade.

AUGUSTO: Mas isso também são tudo coisa importante filha. (gosta, respira fundo) Olha Brás, se quiser que a gente aprende na escola dos homens são muito importante sim. Mas a mulher e mais escola que existe é a escola da vida! Note, cada um aprende um hora diferente e aprende as coisas diferentes, mas sem algum pedago da vida são mesmo como que tudo funciona.

BRAS: Ai pai, o senhor me desculpa mas acho isso uma bobagem. A gente tem que aprende é pra conseguir dinheiro pai.

AUGUSTO: Não Brás... a gente tem que trabalhar conscientemente... não dinheiro! Temos que aprender coisas novas e dividir com os outros.

BRAS: Não... tem que aprender pra não mais que os outros. Tem que aprender pra ser patrão.

AUGUSTO: (da uma risada paterna) Ai filha... ce ainda é muito novo pra entender como é que as coisas funcionam...

ANA: Pôce-meu tá todo calado! Olha Gato, eu acho melhor é você dá um corretivo nesse menino. A para que ele pra ficar falando só de gente dinheiro, nem tá me falando com mais nada aqui em casa. Hoje eu pedi pra ele debulha milho pra galinha e ele nem deu bola. Olha, eu fizeu eu que trouxe feijão seco pra minha mãe... não tá o que aconteceu?

AUGUSTO: Calma Ana, isso é bobagem de menino que tá crescendo.

BRAS: Vá mãe? Não precisa ficar brava comigo.

AUGUSTO: Mas o senhor molcho, trata debulha milho e dá capri esse animal animalzinho interior.



BRAS: Ah, pai... eu não gosto.

AUGUSTO: Eu não perguntei se você gosta! Falei que é pra fazer... então é pra fazer! E vai guardar logo esse chapéu na.

BRAS: (desapontado) Que hora...

ANA: Que hora hoje é essa moleque? Ah, eu não te pago...

(Bras vai guardar o chapéu e volta rapidamente para morar a conversa)

Cena III

(Entra a vizinha, Lindaura)

LINDAURA: Bô tarde...

ANA / AUGUSTO: Bô tarde...

ANA: Quem é que sempre aparece na Lindaura... Você faz uma visita?

LINDAURA: Quem dona Rosa sempre visita Ana... Seu Augusto... eu vim aqui pra mostrar poço pra verem o que eu devo fazer com as pedras da minha mãe...

AUGUSTO: O que tá acontecendo com ela?

LINDAURA: Tá numa situação que só vende. Tem dia que ela nem tá conseguindo andar direito.

ANA: Você que deveria cuidar... É ela sempre foi tão amada né? Não pode saber que tem fome que já tá no chão.

LINDAURA: É só que eu que sei que ela tá Ana... É de sorte o coração da gente. Ela ligou aquela moçada dela amiga e ficou exultando os benefícios dela... Ai começa a chorar e diz que chegou a hora dela morrer...

ANA: Nessa situação... precisa ir lá então pra conversar um pouco com ela...

LINDAURA: Já Ana, vai sim... ela com certeza vai animar um pouco.

AUGUSTO: Como é que tá a pedra da Lindaura?

LINDAURA: Tá tudo incluído... mas tem um sapato que entra mais na pé dela... Não chorou também...

AUGUSTO: Pelo jeito que eu tá falando, deve ser problema de circulação. É pra fazer o seguinte Lindaura: eu tem uma de Santa Maria na tua casa?

LINDAURA: Tem.

AUGUSTO: Mas leva mais... Ana, paga um pouco lá pra ela... (Ana Paga nas plantas dela um vasinho de erva)

AUGUSTO: Então você vai mantê-la bem a casa de Santa Maria no meio do alho e passa nas pedras dela três vezes por dia.

LINDAURA: Cade, de tarde e de noite?

AUGUSTO: É... É pelo pra ela fica deitada com as pedras pra cima. Pode pra uma vez inventar nas pedras dela. Conforme for melhorando você fala pra ela se fazendo umas caminhadas.

LINDAURA: Muito obrigado seu Augusto... Deus lhe pague.

AUGUSTO: Que é isso... Não tem de quê?

ANA: O Lindaura... É mas que tem um calceirão? Andar de um.

LINDAURA: Não gente... não posso porque eu deixo minha mãe sozinha. Eu preciso uma outra hora tá bom?

ANA: Tá bom então. Amaldiço eu vou lá então tá Lindaura?

LINDAURA: Vai sim Ana... eu vou ficar muito satisfeita e minha mãe também. Tchau gente e obrigado.

AUGUSTO: De nada Lindaura... (Lindaura sai)

Cena IV

BRAS: Nessa paz, o senhor sabe todo dia tem regalia de planta né

AUGUSTO: Sei algumas erva... Com o tempo a gente vai aprendendo outras e assim por diante...

BRAS: O pai... o senhor tem podia colar um distribuidor dessas casinhas né?

AUGUSTO: Acha moleque, não tá lá uma brechinha nem de brechadeira (começa a colar um girassol que ele trouxe)



ERAS: Mas eu te falando sério... Quase todo dia tem alguém aqui em casa pedindo pra vender mais algum remédio. É até que tá quente, outros com dor de dente, até com dor de barriga, até com vomito... Mas tem um dia que mais tem gente pedindo aqui... Se a senhora cobrasse nem que fosse só um prospecto de cada um eu apelar muito a gente.

ANÁ: Ih, tá vendo como melhora com essas idêias do novo Augusto... (Volta a lavar roupas na bacia)

ERAS: Mas é sério não, o pai por exemplo podia comprar um tanquinho pra senhora... Ai a senhora não precisa ficar se lavando roupa não.

ANÁ: Enquanto eu tiver força nos braços, não precisa do frescura comigo não.

ERAS: Não é frescura não... é necessidade.

ANÁ: Não tá vendo necessidade nenhuma aqui não. E se eu não tiver força que eu vou acender o fogão pra fazer a janta.

ERAS: Ai não... Fogão de lenha! Todo mundo lá na escola já tem fogão de gás, com botijão e tudo. Não faz mais sentido nem da tanto trabalho.

ANÁ: Para de bobagem mulher...

ERAS: Não é bobagem não... Eu mais gosto de ver a senhora trabalhando tanto... se o pai comprar um tanquinho o seu fogão de gás a senhora temia tempo de descansar, aí o pai podia comprar também uma taladeira pra gente assar.

ANÁ: Bem, se a gente tá trabalhando é sinal de que tá bom... trabalho é sinal de saúde! A gente vai te muito tempo pra descansar depois que morrer! (Sor)

Clara V

ERAS: Crede! (Pausa, olha o pai que observa o ginásio) Pai... o senhor tá quieto... tá pensando em que eu te falei?

AUGUSTO: (Que continua a examinar o Ginásio) Meu filho... você já pediu pra observar os Ginásios?

ERAS: Não precisa, pai... Aqui tem ginásio em todo lado que a gente olha!

AUGUSTO: São plantas lindas não são? As flores são tão grandes e amarelas que parece que o Sol desceu na Terra. A Terra que é mais de tudo, também pode ser mais do Sol... É só depois de fazer fica seguindo o Sol mais que fica lá em cima...

ERAS: Nossa, quanto belôso! Pai, eu acho tão bonito quando o senhor começa a falar essas coisas dadas assim.

AUGUSTO: (Que "volta ao mundo") Só tá falando o que eu táva pensando!

ERAS: E mais parece até com a Mamãe.

AUGUSTO: Clara meu filho, o nome daquela senhora é Clara. Mamãe tem o apelido que o povo coloca nela.

ERAS: Mas o senhor passou na que eu falei de cobrir pelas crianças?

AUGUSTO: Meu filho, eu não posso cobrir por uma coisa que não sou eu quem fiz. Eu só ensino as pessoas quando o que a Terra dá. Eu só ensino elas pra tomem aquilo e um sapimento, sapopon, banho de marinho... essas coisas, mas é tudo com coisa que a terra criou, não eu.

ERAS: A pai... que bonito... Os remédios que os médicos receitam também não é eles que faz mas eles recebem uma receita... (Presta a ouvir)

ANÁ: O filho, tem que pagar lenha pro fogão senão a janta não sai hoje... (entra)

ERAS: Ai que bonita...

AUGUSTO: (ameaçando) Melhora... não mais é pra de falar com a tua mãe... E ela já te falei dessa na bacia não?

ERAS: (Não ligando) O pai, eu tava lendo um livro lá na escola, e sabe, a gente tem essas terra aqui e vou ver as plantas, e saber o que eu descobri! Que Ginásio não tem quase que valor nenhum... A gente podia plantar milho, arroz, coisa que dá dinheiro, que o senhor acha?

AUGUSTO: Bem, você não imagina como é bom o que eu sinto em ensinar cada Ginásio, em vê eles crescendo e abstrair flor. É uma magia que a Terra e Deus malham e que eu posso apelar.

ERAS: Ai que bonita poi! Mas nem Deus e nem a terra dão dinheiro pro senhor.



ALGUSTO: (Fala mais seriamente) Meu filho, dinheiro não é tudo nessa vida! O mais importante é felicidade, é felicitá-vos! E isso eu tenho aqui, morando com você e tua mãe e fazendo o dia todo aquilo que eu mais gosto!

BRAS: Então o senhor é um grande esperto! Faz o que o senhor gosta só! Por mim não faz nada! Se faz de berrinho ajudando os outros mas o senhor não faz um pouco contra... faz pelo senhor mesmo!

ALGUSTO: Você me pergunta porque que eu não tiro pai? Onde já se viu uma filha assim consigo? Se você me acha não eu aquilo pouco me importa, mas enquanto você tiver morando comigo dentro dessa casa eu vou continuar vivendo do meu jeito!

BRAS: Ai que festa pai. A gente nunca vai sair dessa festa de violência que a gente leva!

ALGUSTO: (Leva do seu tapo no rosto imediatamente) Nunca mais diga isso! Nunca mais entenda!

BRAS: (Carrega chorando) Festa sim... festa mesmo! Violência do pobre festa... (Entra correndo, e a mãe vem correndo atrás segurando-o)

ANA: Que gritos é esse aí filha Querida?

ALGUSTO: O Bras que me desrespeitou e levou um tapo!

ANA: Ah, táva chorando... eu te falo que esse moleque tá precisando dessa tapa faz tempo. É o melhor a gente fazer não é não? Via Querida, táme te que segura firme nas orelhas porque mesmo filha é carinha brava... (grasou) Vai, meu Bra chorando não... Me ajuda aqui com o fogo... (Saem)

Cena VI

(Bras entra por um lado emburrado, do outro lado entra Cosme todo assustado)

COSME: Nossa que cara Brás é essa Brás?

BRAS: Nada Cosme... nada...

COSME: Ninguém faz cara feia por nada... (Muito hesitante) Fala amigo!

BRAS: Nossa, quando eu acho que não tem mais como melhorar gente tanta coisa que aparece... Você consegue ser mais bobo que o meu pai bobo?

COSME: Nenhum problema de família... Vai conta aqui pro amigo...

BRAS: Cala a boca Cosme... Ai, que festa viu... Onde esse lugar, onde essa terra, onde essa gente e onde essa minha violência pobre de festa!

COSME: Calma amigo... a vida é assim mesmo, mas você tem que manter a calma sempre tá bom? Olha eu, táva acordado até agora a pensar e agora já tá dormindo! (Faz que o amigo tem ligas então fala em tom de importância) Você não sabe o que eu sei!

BRAS: Com certeza eu não sei... e quem sei eu quero saber...

COSME: Eu vi a Rita, sabe, a filha da dona da venda...

BRAS: Que que tem ela?

COSME: Eu capotei ela tomando banho!

BRAS: Mentira!

COSME: Verdade!

BRAS: Sinto mesmo? Via ela assim... toda toda pelada mesmo?

COSME: Eu vi... e ela não foi de manhã. Fiquei quase o dia todo no banheiro... O seu lar tá estranhou, mas eu falo pra ele que to com dor de cabeça.

BRAS: Você viu, tem coisa louca.

COSME: Pois que eu li... que? Tu com meu pinto todo molado já? (Riu bobo)

BRAS: Credo (nem) Você, depois a pessoa era tua procura aí vai é cair, de tanto que você faz esse negócio (nem)

COSME: Deixa vai... É que nem dor de... depois nunca mais (nem, aí eles correm um grito ao longe e param de ir)

MARINETTA: Eu já vou aí... Eu vou já, não to dormindo não...

BRAS: Que é isso?

COSME: É o meu que eu tive... É a marinete, ela tá vindo pra cá!



BRAS: Ué... aquela moça é brava não é?

COSME: Da que ela carrega naquela maninha dela os pontos dos malquês da nossa índia!

BRAS: Brava de se falar. Que ponto que anda, ela carrega é os arrebitos. Eu quero falar que ela já sabe mais do que

COSME: Lá na venda eu souso os bonecos dela que ela fugiu do hospício depois que matou os bonecos e os infamantes tubanos que tinha lá...

BRAS: Ela sei lá, só sei que ela não dá medo quando fala aquelas mentir de coisa. Parece que tá conversando com alguém...

COSME: Pra você vê o mundo que eu passo. Tava vindo na estrada bem interrogado e ela questiona me perguntando o tamanho. Quer me dizer coisa?

BRAS: É porque é que eu sei?

COSME: Lá na tua casa, a mãe do vendedor tá com entomago ruim e não podia pra eu perguntar pro teu pai o que ela tem que temar.

Cena VII

(Fazem a Marmitera, é uma figura muito delicada, carrega uma sacolinha com uma marmita dentro. Suas palavras parecem ser lamentos, são coisas boas, são palavras de fé, sua alma é triste e distante)

MARMITERA: Boa sua vai pra que parala? Não é minha para é que fica a vida, os outros gostam e tudo vive o fim? A vida sempre toma conta do que fica amando no corpo. É assim, é assim, assim, assim assim e é assim? Como começa a chorar e fica tanta dorlaça e medo?

BRAS: Boa Tudo dona...

COSME: (Num choro-exagerado) Não conta o ponto da gente?????

MARMITERA: A comida vai melhor, comida fina é que tem gosto com apuro, fica sempre miando. É assim, é assim, assim, assim, assim e é assim. Sempre miando na comida. E a comida lá e na lá vida. É é assim, assim, sim, sim, sim, sim, sim?

BRAS: A gente já tá de vida dona...

COSME: (Exagerado) Não conta o ponto da gente???? (Ela chorando) Conta o ponto só dona....

BRAS: ...você é amiga Cosme??? Valla aqui? (Olha pra Dona Clara) e...?

MARMITERA: Sabe onde eu moro trabaia? É aqui é... (aponta pra própria cabocça) Aqui vive fica o tempo mais trabaia... a minhola, capô, planta e colhe pra gente nunca esquecer? É é assim, é assim, é assim, é assim e é assim

BRAS: Cosmeooooooooooooooooooooo?? (Chora também)

MARMITERA: É assim, é sempre assim! Quem não sofre da vida daquele que a fome já comera ele inteiro. Fome da vida vicia é assim, é assim, assim, assim e é assim. Tudo perdido, tudo mundo perdido e já tá morto e não sabe. Só sabe tudo mundo que não morre, mas só vai saber quando sempre teve morte. Morre que não morde, que não se morde de gente. Não gosto de pouco eu gosto é de fé. Lá é assim, é assim, é assim, assim, assim, assim e é assim! Tudo perdido e eu sempre te perdido também... (olha sem volta e vê que não sabe) Tinha dito morri aqui comigo, eu quero viver pra não morrer eu é a fé e a vida. Sabe pra longe e amando que já morreu (sem saber) e é assim, é assim, assim, assim, assim, e é sempre assim. Tudo assim....

Cena VIII

(Chegam os dois (Cosme e Bras) chorando e gritando)

BRAS: Passaram...

COSME: Boa Augustooooooooooooo??!

(São Augusto é uma comédia de dentro da casa)

ASA: Santa mãe de Deus, que aconteceu?

BRAS: A gente viu a Marmitera lá...

COSME: (Em prantos) Ela queria comer o nosso pintocinho.... (chora, quando Augusto fala ele engole o choro)



BRAS: Ela fala que tem morto na cabeça dela?!

BRAS: Eu quero! Só não é meu pai mesmo?!

AUGUSTO: Calma menina?!! Quem é o pai?

BRAS/COSME: A mãezinha?!

AUGUSTO: (Pausa) O nome daquela mulher é Dona Clara? E ela nunca que te conta nada de ninguém?

COSME: Ela tá aí não? (Clara)

ANA: Deixa de se brincar com eles agora mesmo! Pode parar com essa choradeira! Esse cavalão não deve chorar que nem que se fosse de coque!

BRAS: Mas mãe... é que a mãezinha (olha pra pai) A Dona Clara apareceu de nada no meio da estrada, e a mulher sabe que todo mundo conta umas história dela.

ANA: História de todo mundo fala e todo mundo conta, por isso hoje eu vim aqui de batida?

COSME: Batatoooooooo?!! (Alinha chama a D. Ana lbe dá uma chocalhada)

AUGUSTO: Calma Ana, não precisa falar no mesmo tomem.

ANA: Eu não te bruto, só te aconselho. Vai Clara, conversa só com esses dois que eu tenho que sei das coisas que tu não foge. (entra impaciente)

AUGUSTO: (Para Clara) Tu melhor?

COSME: (Solheando) Tá.

BRAS: O pai, o senhor sabe o que aconteceu com ela?

COSME: Que aconteceu e que eu? Ela já deve se machucou deida. Certo assim é deusa joia. Já nasceu deida, era uma deida.

BRAS: É por?

AUGUSTO: Eu não sei direito, no hospital dela já estão trancos.

COSME: Você tá? Eu bem que falo.

AUGUSTO: Mas meu pai conhece ela antes dela ser assim.

COSME/BRAS: É?

BRAS: É de que jeito ela era?

COSME: Ai de mim, pra não te contar, só não sei deida?

BRAS: Não te fala da cara dela, quanto sabe se ela tinha família, assim, como é que ela era.

AUGUSTO: Diz que era casada e tinha um fil.

COSME: Um fio?

AUGUSTO: Da idade de você hoje... E diz que era uma moça muito de trabalhadora. Cuidava da casa toda e ajudava na loja depois do almoço, quando ela ia levar a mamãe pra maridar.

BRAS: E como ela achava ficava mesmo pai?

AUGUSTO: Depois? O fio temo uma picada de cobra, eles ficaram tudo que tinha com hospital mas não teve jeito nem o remédio da família e o fio morreu.

COSME: Nossa... contado dela.

BRAS: Que contado e que Cosme... se nem conhecia ela?

COSME: E nem precisava conhecer... Segui com ele só de imagina e tanto que ele morreu.

AUGUSTO: Ai e quando morreu um tempo depois de terado que fio. E ela acabou assim, despitosa da vida, disse que era fétido que fero, que era impetiga de Deus... e foi encolando. Hoje em dia ela levanta com a mesma cara morta e vai procurando os dois, marido e fio pelas ruas.

COSME: E quando que ela começou a virar as giras São Augusto?

AUGUSTO: Da não conta nada não Cosme, não é história que eu não conta pra ninguém porque tanto que nem sei deus.

BRAS: Tanto e ele pai, precisa de se e história que aporou? Acho que a mãezinha deve se terado com mais medo dele que ele dela. E não aconteceu desde a hora que eu conheci ele quando veio pra cá.

COSME: (Para pai) Ah, São Augusto, quem eu respeito, a mãe de vovô não é ninguém ruim. Tá com medo só de se só nas toja.



AUGUSTO: Ela cantava coisa muito bonita?

COSME: Cantava coisas sempre de noite.

AUGUSTO: E isso? Cantada muito forte de noite. Fala pra mim, você lembra mais ou menos qual tipo de água. Ela vai cantando tudo e já se esquecia.

COSME: Acho que cabia a letra de lá São Augusto...

AUGUSTO: A música também tu gosta... Leva bolido então... (Pega um vasinho) Dá pra ela planta essa mudinha... (entregando) E pra beber é só mastigar na água tu bem?

COSME: Tá bom São Augusto. Bogaço. (Ele vai apertar o marmitero, chorar)

Cena IX

BRAS: Pae... é a letra aí de agora?

AUGUSTO: Não responde lá... ela é doente...

MARMITERA: Eu te apresento dois molques que mais ela achado porque mais gost... Igual não sabe... Acho que tá achado mas tá tudo é perdido...

AUGUSTO: Não mora aqui? (Marmitera se encolhe)

COSME: (Chorando) O senhor vai ver não... ela vai costar mais pouco... e vai se culpa de todos.

BRAS: Ai que bonita pai... Mas que a gente não tem aqui...

COSME: (Pensando de chorar quando a Marmitera chega perto dele) De perto ela não dá medo na gente não... Tem a não bonita...

MARMITERA: (para Augusto) Não quero! Os dois molques tá aqui. (Para os marmitos) Oito me mostra onde tá o quarto dos mortos? Marmito tá lá, aí mais mostra onde eu, tudo mundo está lá lá, só eu que tá vivo e não é por que mora amarela lá fora. Se tá morto quem mora de aqui, é de aqui que eu vou pra lá, junto com todos, assim mais dentro que nem o amarela. E é assim, é assim, é assim, assim, assim e é assim. (Segura no braço de Brás para ele levá-la)

BRAS: (Com medo) O pai...

AUGUSTO: Então é lá.

MARMITERA: O pai... pai é seu pai não? Pai é bom, defende a gente. Mais os tem choro da festa marmita. Essa marmita e amarela e pra essa marmita amarela é bonita. (Para para Augusto) O que tá pra ela é bonita. E os dois amarelo mas tem quem tá e gente, outros não sabe não. Essa marmita eu não quero não, ela já tá pouco de colorir. É o daquela que o veneno mais tá nunca mais. Cantada da cultura.

BRAS: Pae, que ela tá falando?

AUGUSTO: Não sei direito mais lá... Acho que tem coisa que tá ela falando.

MARMITERA: (Observando Cosme) Deixa eu gostar. Está chora lá fora. Se tá mori com choro mijado. É tudo culpa dos dois. E minha também. E é assim, é assim, é assim, é assim e é assim.

COSME: (Pega um dos garrafas que estavam com São Augusto) Dá pra Clara...

MARMITERA: (Toma um tanto de cerveja pra beber e olha fixamente pra filha) Clara não... Então... Clara não... essa ela também morreu há tempo. Sócio carinha amarela e verde que tem sabe não. Sabe de chorar. E ela chorou muito. O que ela tá lá de dentro pra dentro não tá nada. Sócio e amarela. Essa morreu e só consegue se esquecendo ela que se mata. E é assim, é assim, é assim, assim, assim e é assim.

COSME: Mas seu nome é esse não é?

MARMITERA: Já lá... Hoje não preciso mais de nome. Nome pra que? Não tenho ninguém pra me chamar! É tudo mais sabe lá lá... Inda mais com a boca costurada!

COSME (Entrega o Garraço a ela) Então a minha entrega pra mim com Garraço pra Dona Clara... ela anda deva: tá em algum lugar por lá... Acho que ela vai gostar!

MARMITERA: (Olha pra ela) Pa também sabe que ela tá de gente. Tá na hora dela entrar com tudo que já não é mais dela...

AUGUSTO: Clara, você tá bem? Precisa de alguma coisa?

MARMITERA: Eu não sei Clara já falei. É pra preciso: é de leve minha marmita sendo a cantada solta e meus minutos mais gosto da cantada lá. E é assim, é assim, é assim, é assim e é assim. (vai)



AUGUSTO: Minha boneira é que está! São Cosme!

COSME: Eu nem tenho mais modo de vida. Quería que ela calasse a eu tivesse certeza.

BRAS: Tanto... antes da morte! Nada ela nem vai mais lembrar do que lá faziam com aquela flor na mão.

COSME: Brás... ela a boca tá? Tá é um pouco rubra? (Mostra a língua) São Augusto, tá lá a brigada? (Grá)

AUGUSTO: Tá lá! Cosme, já tá lá!

BRAS: Pá, ela chama os oito de verde na tua frente e o cabelo nem liga?

AUGUSTO: É o que ela fala de verde? Vem, vem! Temi muito que já te sentias o cheiro da verde da tua mãe... (corri)

BRAS: Acorda aí! Ai que festa virá! Nem pra ela defende ele serve! (corri embalsado)

FIM

Cena X

Meio século das anos depois. D. Ana vive sozinha cantando "Bela Amarela", após algum tempo entra Lindaura.

ANA: O Lindaura... que satisfação você aqui em casa depois de tanto tempo...

LINDAURA: É... tá um pouco porque já tive criado lá de verde dentro de casa...

ANA: E como é que você tá? Tá melhor?

LINDAURA: É Ana, agora tá mais conformada, mas perdi minha mãe lá muito cedo.

ANA: É sim, é claro demais, eu lembro quando eu perdi a minha mãe Lindaura. Não há de pior neste mundo. A gente nunca espera e por não espera nem sabe porquê quem ama.

LINDAURA: Pá, você tá lá... É eu que tá sozinho, mas tenho ninguém por mim. Ela era minha companhia... Coisa lá tá com Augusto e com sua mãe.

ANA: É mais eu sei que tem que conforma eu...

LINDAURA: É... eu sei... É você aqui como é que tá? O São Augusto, seu marido?

ANA: De mesmo jeito Lindaura... a gente tem passado dele e a Brás sempre do mesmo jeito...

LINDAURA: Ele está com as mãos de grande dele?

ANA: Nada... tá de mesmo jeito... Tristeza... so lá descontente com ele... É quem tá mais triste é o Gusto, mas ele não quer descontente e não vai me contente e ninguém.

LINDAURA: O Ana, nem sei se é certo eu saber, mas o pessoal lá tudo fala mal do seu São Augusto. Deu jeito que ele trata os outros porque lá que tem um rei na barriga. É o São Augusto é a mulher que sempre ficam lá simples...

ANA: Eu sei Lindaura, e nem sei como é que esse menino saiu lá fazendo. Criado ele não é que a gente tinha, e ele sempre querendo da parte maior que se pensa... O Gusto tá mais descontente, uma vergonha que você nem imagina.

LINDAURA: Mas a culpa não é de você dele não... não é o jeito dele. Com o tempo ele muda, e lá vai lá.

ANA: Deu te coisa Lindaura... Ou só, o Gusto arrumou um emprego pra ele lá na venda junto com a Cosme, hoje lá na o primeiro dia e ele não lá. Disse que não serve pra ele, nem lá como eu sou pra Gusto... (grata) Vó paga o café pra gente, que já disse lá também. (Sim, chega Augusto de roupa verde-limão e que entra no meio da peça, com a regular e os três girando, está bastante envelhecido, parecem ter passado mais de dez anos)

AUGUSTO: Lá Tarda Lindaura!

LINDAURA: Lá Tarda São Augusto...

AUGUSTO: Mais conformada?

LINDAURA: Com a graça de Deus já tá melhor sim... Quando chega a hora de ir embora, é hora mais solta.

AUGUSTO: É Lindaura, ninguém mais na viagem. (Ana vem com o café e paga a mamãe do marido)

LINDAURA: Se não te conseguem chamar direto ainda São Augusto, o senhor sabe de alguma coisa pra não? (bebe o café)



ALGUSTO: Bem, em primeiro lugar meu tema está por um tempo... (Lindaurea está desconfortada). É muito nervosa e insinua coisas ruins! Precisa de alguma coisa pra beber...

LINDAUREA: É... mas eu quero mesmo saber nada em casa pra fazer um chá...

ALGUSTO: Tudo de pai de afilhado... Por chá dele é sóça com pouco de mel. O mel pode se de afilhado ou de pai, tanto faz. Torna no começo da noite, é bom e quando...

LINDAUREA: Muito obrigada São Augusto... Ana, vá chegar...

ANA: Tá certo ainda Lindaurea...

LINDAUREA: Tá nada... tá na minha hora já. Tchau Ana, tchau São Augusto, e Deus que lhe pague. (Sai)

ALGUSTO: Amém Lindaurea... Vai com Deus... (Pensa, Ana começa a ligar roupas na linha)

Cena XI

ALGUSTO: O Brás tá que hora pra serviço?

ANA: (Sem jeito) Ele tá...

ALGUSTO: Uai, mas já chega da venda? Na primeira dia de serviço já chega assim?

ANA: Ele nem tá...

ALGUSTO: (Espantado) Como não tá?

ANA: Espere você tá e disse que nem tá...

ALGUSTO: Não porque nem tá?

ANA: Disse que nem o serviço pra ele, que quer coisa melhor e aquilo lá tá bem pro Caramelo mesmo.

ALGUSTO: (Muito irritado) Brás??? Brás nem tá. (Brás desmora e o pai fica mais irritado, pega o chapéu no chão) Brás, o seu fio de uma água ou te te chamarem?

BRÁS: (De dentro) Tá só!

ANA: (Chorando e cômica) O Caramelo, tá dando água não...

ALGUSTO: Desculpa Ana, é a nervosa do café. (Crisa) Perdoando??

BRÁS: (Sai correndo para ajudar, de roupa, camisa, sapatos, cabelo suado por o lado e mala pesada) Pronto pai, não precisa ficar irritado!

ANA: (Espantada) Onde é que se vai menino?

ALGUSTO: Porque você nem foi trabalhar lá na venda no serviço que te arrumou?

BRÁS: Calma, uma pergunta de cada vez pode ser? Bem, eu te indo embora pra cidade grande, e eu não fui trabalhar na venda porque acho aquilo muito pouco pra...

ANA: Que trabalho pra cidade grande uma pinóia? (Se aproxima dele) Cê é menino filio e deve respeito e obrigação!

BRÁS: Mãe, eu não tô desrespeitando ninguém! Tá quer coisa melhor pra gente? Eu não vou ficar aqui me esforçando como a senhora e o pai fazem a cada minuto? Eu vou pra algum lugar, estudar mais e arranjar um emprego bom! Eu vou mandar dinheiro pra vocês toda mês, aí quando eu poder voltar buscar vocês dois!

ANA: É quem disse que a gente quer sair daqui? Aí meu Deus, você mesmo me mata de desgosto! Fala alguma coisa Gostu!

ALGUSTO: Ana, calma, deixa eu conversar um pouco sozinho com ele...

ANA: Certo coisa que eu tá com medo né?

ALGUSTO: Não tá falando com Ana... (Pega nas mãos dela) Por favor... calma... deixa eu falar com ela sozinho um pouco... Conversa de homem...

ANA: Vá, tá bom filha só você com ele... Vá se enfiar um pouco de jeito, mas não cala lá da venda que ele tem dentro (resmungando)

Cena XII

BRÁS: Pai, não adianta tentar me fazer mudar de opinião que eu não vou mudar!

ALGUSTO: Brás, antes de mais nada, você devia ter ido na venda... Não foi fácil te arranjar aquele serviço? Como foi agora minha cara com o trabalho?

BRÁS: (Com desdém) A mesma de sempre? Cê sabe que eu nunca quis!

ALGUSTO: Olha moleque, eu tá tanto entendendo mais de você dizer não gostar da terra que mora...



BRAS: Não é que eu não gosto pai, o meu jeito de gostar é diferente do seu.

AUGUSTO: Mãe lá na venda só se trabalha com os clientes que você tanto gosta!

BRAS: Mas não número pequeno demais pra mim!

AUGUSTO: (Quem que tem dinheiro, implorando) Brá, a vida não é assim não? Quem é fácil a vida aqui e vai se muito melhor na cidade.

BRAS: Mas eu não acho que esteja no lugar certo pai... pelo menos não sinto isso...

AUGUSTO: Não sei se é falta ainda na tua criação, mas você nem é apaixonado papai. Lá cabia como cabia pela mãe.

BRAS: Eu aprendo a me virar! Ainda não tem uma vida muito boa! Vou ter dinheiro pra tudo o que eu quiser.

AUGUSTO: (Irritado) Para de só pensar em dinheiro! Dinheiro não compra felicidade! Dinheiro é só pra aquilo que é necessário!

BRAS: Nossa minha vida tem flegão de dinheiro pai? É o mais importante!

AUGUSTO: A família é o mais importante! Para o que a gente gosta, lutar com quem a gente gosta! Isso não tem preço!

BRAS: (Muito de lábia) Pai... vem comigo! Vem o pai e a mãe comigo! A gente vende aqui até e compra uma casa boa com o dinheiro!

AUGUSTO: (Indelicadamente) Nossa casa é uma blábia, da sua mãe e sua! Sua vontade! Isso aqui é tudo sua!

BRAS: Eu não se é isso eu quero vender!

AUGUSTO: Pelo amor de Deus menino! Isso aqui é a minha vida! É a minha vida é tua! (Entra Cosme)

Cena III

COSME: Ih gente... desculpa interromper.

AUGUSTO: Você não interrompe nada não Cosme!

COSME: A que tem... (Pega a mala) Vai viajar Brá?

BRAS: Cala a boca seu idiota!

AUGUSTO: Brá! Liga não Cosme, hoje ele acabou aqui? Fala o que foi!

COSME: Seu Augusto, o vendem-lhe tu com muita dor aqui atrás... Ele mandou perguntar o que ele tem que faz!

AUGUSTO: O que aqui? (Mostra no corpo)

COSME: É!

AUGUSTO: Isso de tu os rios... Manda ele fazer um chá de queros-pedra e tomar uns quatro copos por dia e faz bastante repouso.

COSME: (Rupendo pra morrer não) Chá de queros pedra, quanto repouso por dia...

AUGUSTO: Manda também ele tomar bastante água por uma bastante e fazer os rios, faz assim.

COSME: Tu tem... (Continua no palco sem dizer nada, só olhando pros dois)

BRAS: (Impaciado) Que foi?

COSME: É que eu queria perguntar outra coisa pro Seu Augusto mas eu tenho vergonha...

AUGUSTO: (para mãe) Fala Cosme... que aconteceu?

COSME: É que eu queria trazer uma mamadeira, mas não tenho mais na loja... Acho que é por causa do meu cabelo, é muito feio... O senhor sabe de alguma coisa pra melhorar?

AUGUSTO: (Acha isso na simplicidade do outro) Babaca Cosme!

BRAS: O nome certo é Aloe Vera pai...

AUGUSTO: (com um pé de planta na mão) Isso é nome bonito pra poder colocar na cabeça das mulheres...

COSME: A gente, se a Babaca ou Aloe Vera não tem importância... Se quero melhorar o cabelo.

AUGUSTO: Então você vai cortar o cabelo, e passar a babaca, de vez em vez e depois lava, se vai vê que vai ficar muito bom!

COSME: (Se se alegrou) Obrigada ao Augusto!



AUGUSTO: De nada, Cosma.

BRAS: Não vai embora não sei!

COSME: Ah não... eu gosto daqui.

AUGUSTO: Vê papa um café agora e você apressa-se de uma comprada com o seu amigo aí e vê se põe um pouco de jurem na cabeça dele! (Jura)

Cosma XIX

COSME: Que aconteceu Brás?

BRAS: Mira pai tá com febre, tá isso. E pra ajuda minha mãe também tá machucado e tá doente!

COSME: (Furando-se de curiosidade) A tá... (Furando também) De, porque se não tá machucado tá na rede hoje? O vendado ficou uma coisa, aí eu receio pra ele que você não passando mal e tá trabalhar amanhã, aí por consideração ao teu pai ele falou que tudo bem.

BRAS: (Fico) Eu não vou trabalhar lá com você Cosma? Não tá hoje, não tá amanhã e não nunca!

COSME: Mas Brás que tá vai fazer da vida? O serviço lá é bom, você acostuma, vai ver aí! Lá a gente faz pouco, e é bom a gente tá perto do amigo!

BRAS: Cosma, quê sabe? Você é meu amigo apenas por falta de opção minha! É não quero trabalhar naquela bosta de lugar coisa nenhuma!

COSME: Lá não é bosta não! É o meu serviço!

BRAS: Ah Cosma, cala a boca e não me irrita! (Augusto entra e Brás ouvindo a conversa em silêncio) Ce parece um burro empacado no pasto, igualzinho ao meu pai? Só é mais burro, mas é burro igual!

COSME: O seu pai não é um burro!

BRAS: É sim! Ele só quer saber daquelas bosta de grama ali dele e dessa bostinha de terra que a gente tem! Por mim eu botava fogo em todo e depois vendia! Eu não aguento essa bosta de vida Cosma! Eu quero outra vida pra mim!

COSME: (Pensando e triste) Você é ruim Brás! Você é muito ruim! Tudo mesmo fala isso mas eu te defendo e você sempre tá me tratando mal! Assim, é isso que você é! Você não merece o teu pai nem a tua mãe que só vivem pra trabalhar. (Assa entra, faz um gesto que vai interromper a discussão mas Augusto o pede pra ficar quieto com um gesto)

BRAS: É o que você sabe de ser bom ou ruim? Ce não passa de um retardado sem pai e sem mãe que as pessoas tratam bem porque tem dó! Tem de você a mesma dó que tem da mamãe! Que sabe alguma coisa? Você quer uma mamadeira não quer? Mamãe não! Você não tem ninguém que te quer! Igualzinho a ela! Vai Brás igualzinho quando ela velha? E além da mãe, só mesmo uma boca pra te querer perto!

COSME: (Interromper a fala do amigo com um tapa que o dormiu) Eu sempre quis fazer isso! Devia ter feito muito antes!

BRAS: Você é louco! Você é um idiota que vai morrer aqui nessa merda de lugar!

COSME: (De quatro tapas) Você é ruim! Você vai se alugar no próprio nome! Sei agora que não leva mais ninguém junto!

BRAS: Eu disse puta! (De dois começa a brigar, chuta no chão, rangers as roupas, se ofendem, Augusto e Ana entram e separam) Tá doado? Seme doado? Vai lá naquela bosta de venda que é o teu lugar!

AUGUSTO: (Interrompendo) Ele não vai pra lugar nenhum! Lá Cosma? Você é bem vindo aqui! Eu sou o dono daqui e permito que você entre! (para Brás) É, você aí pode ficar dentro jurem quando lá o dono daqui e só vai aí quando morrer meu lugar!

BRAS: (Furando) Você ainda defende ele aí?

ANA: Brás... o Cosma é o único amigo que você tem... Não trata ele assim!

BRAS: Você tá defendendo não! Não pra me defender você sobrevive! Você tá não sobrevive pra nada! Nada! Me largue essa bosta de vida, não quero que eu morra lá e ainda por cima tem me defendendo!

AUGUSTO: Eu defendo que está com a razão!



BRAS: (Paga a sua mãe) Por fim ficou com ela a sua mãe! A senhora minha mãe, acabou girando por ela com os seus filhos de lábio! Os meus amigos viram todos com festa de terra! Agora eu não fico mais! (Sai, os três ficam em silêncio. Ana começa a cantar)

ANA: Como pode o pai vir vivo vivo fora da lagoa, como pode o pai vir vivo vivo fora da lagoa... como podem viver... como podem viver, sem a mãe, sem a mãe, sem a mãe, sem a mãe companheira... (Começa a chorar e entra, Começa vai cantando calandinha)

ALGUSTO: Como? Você é bem vindo aqui? É não guarda ninguém lá, é coisa de cidade!

COSME: (Os três sorriem) Quando a mãe é eu sei bem Augusto... (sai)

Cena 12

Como cena é composta por uma sala, alguns personagens pedem um livro por passar no projeto, a cena se passa numa sala local e é que está acontecendo. As crianças de três anos todos de acordo com o que está sendo dito. Há uma parede separando sua mãe, trabalho de casa, ele está respondendo perguntas, após algum tempo, está falando se mostra no nome de pessoas que vai mostrando até se tornar um modo de cidade, o resto de três se chama, ele coloca a mão no olho e responde com gestos se perguntas que lhe são feitas, e que vem de todos os lados. Enquanto fala com ele, uma de crianças, crianças de menores, irmãos, irmãos, todos com que mostram a forma de trabalho. Há de três com os três e crianças e crianças, e crianças a cena vai acontecendo até se desmontando-se.)

VOM 1: Você já trabalhou nesse tipo de atividade?

VOM 2: Não tenho vagas

VOM 3: Não facilidade?

VOM 1: Não experiência nenhuma não difícil encontrar

VOM 2: Já disse que não tenho vagas?

VOM 3: Não tenho experiência em crianças?

ROBEM: Olha, eu vou te colocar mais serviço mais simples, até quando uma outra coisa tudo bem?

BRAS: Serviço simples eu não quero!

ROBEM: É o que tenho no momento!

BRAS: Então quero alguns simples por ter empregos simples! (Sai correndo)

VOM 1: MULLER: Que criança desobediente... Acho que eu tenho o que você precisa...

VOM 1: Não pode mais fazer mais?

VOM 4: Não posso fazer mais por você!

VOM 5: Não posso fazer nada por você!

VOM 1: MULLER: Uma desculpa? Uma desculpa não conta quanto mais!

VOM 2: Já te falei que não tenho vagas!

VOM 1: Queremos outro? Você não tem vontade de trabalhar? Não tem mais tempo agora?

VOM 3: Cara, tá todo mundo reclamando de você! Você não sabe trabalhar em grupo!

VOM 4: Reclamaram de você contra você? Não tem mais jeito? Você tá bom?

VOM 1: MULLER: Sai daqui! Vá se você se tem o problema! Não tem mais nada mais! Não quero nada de você! Aprenda você a chegar, quem sabe consegue fazer mesmo?

VOM 5: Passa lá no departamento pessoal e mostra a situação!

MULLER: Não estou procurando de empregos!

BRAS: Dê, eu acerto qualquer serviço!

MULLER: Olha aqui, não tem mais de você, mas serviço tá difícil e não quero mais não tá bom!

BRAS: É que eu não tenho me adaptado aos outros empregos que querem! Mas agora é diferente! Estou disposto a tudo!

MULLER: Obrigado, mas você não serve por serviço!

BRAS: Dê, eu preciso! Não tenho mais o que fazer!

MULLER: Não mais... mas não posso fazer nada por você! (sai)

VOM 6: Maninho, sempre outro lugar pra morar? Já não me paga lá mais mesmo?



VOZ: 3. Não! Despedido entendido?

VOZ: 3. Para que para? Já se foi! Já que não temos vagas!!

VOZ: 4. O carinha, devolve o meu dinheiro que você não chupa direito!

VOZ: 5. Não sou tua mãe! Não pagou... não!

As vozes começam a falar várias palavras rapidamente até se misturarem

VOZES: Rua, despedido, dinheiro, vagabundo, desempagado, paga, engole, fora, sai, espere, aguenta, espera, acorda, acorda, acorda!! (Blackout)

Estão tudo fora em silêncio, depois que Beira que está sozinho e sozinho, jogado no chão, surge-se sua mãe com tanto "Beira Amado!!", querendo a cama, a luz sobre ele vai correndo e vai acendendo outra sobre a cama de um pai, onde o pai está sentado, com uma tristeza aparente, observando o nada. Ana entra atarefada como sempre, mas também desanimada, se detém e observando por um tempo.

Cena XVI

ANA: Certo, vem como que eu já fiz a comida.

AUGUSTO: É a com fome não Ana...

ANA: Como não? Trabalha o dia inteiro!

AUGUSTO: (Pausa) Hoje eu quero esperar ele... Quero saber quem espera?

ANA: (Como se tivesse levado um soco) Esperar ele? Esperar ele?

AUGUSTO: É, hoje eu não quero se ele não vier... Então eu vou ficar aqui sem nada e esperar porque hoje eu acho que ele vai.

ANA: (Desesperada) É só? Quem eu espero? (Amarga e dolorida) Já são cinco meses que o Beira foi embora e nunca mais me dá notícia nenhuma pra gente, não sabemos se tá vivo. E tá no mesmo cinco mas que eu vivo sozinho dentro dessa casa? Você tá tão tão egoísta? Só querem saber de tudo mesmo! Um dia tá sozinho e esperar que tem mãe, o mesmo filho por isso e se fecha? É só? É só???? Eu não sei o que fazer, eu perdi o marido e o filho com os dois ainda vivendo vivos! Eu como pra quem? Eu faço o quê? E eu quero... e eu? (Pausa) Eu tá tão sozinho? Não, é só uma puta que me deixaram sozinho no mundo!

AUGUSTO: (Distante) Não chore! Tô choro e amargando e tem lágrimas tá amargar a terra!

ANA: (Alheia) Você tá preocupado mais com tua terra do que comigo!

AUGUSTO: É a terra... vai fazer um chá de Cabelo pra você...

ANA: Beira no mar e tá cheio de cabelo.

AUGUSTO: (Distante) Ana, eu te peço: pare de se to muito egoísta... Mas é que minha dor é tão grande que não sei nem como eu tá começando doído!

ANA: (Amarga) Eu também sei! Mas nem sei se pode ficar! Precisa o marido também!

AUGUSTO: (Distante) Meus sofrimentos são quanto? Sofro de saudade e preocupação com o Beira, sofro com a vida toda mais triste, sofro com de de mim mesmo, mas o meu sofrimento maior é pela terra que nunca foi regada! Não souco todos filhos dela e ela tá sofrendo demais com esse fim que tem? Ela?

ANA: (Desesperada ao falar) Certo, se tá doendo! Não quero quase nada, não quero... dói, Ai... dói, não! Co tá ficando fraco de dor!

AUGUSTO: (Distante, mesma lógica de um sonho) Quando um fim se afirma, a mãe se aproxima mais de outro pra ser mesmo filho.

ANA: (Preocupada) Certo, tá tá loco! Eu só tenho ele de fim!

AUGUSTO: (Distante) Não, aqui em casa nós somos três filhos da mãe terra. Um tá longe demais, então com outro tem que ficar perto dela!

ANA: (Alheia preocupada) Eu não te tá entendendo Certo!

AUGUSTO: (Distante) Não precisa Ana... agora se tá quieto então eu vou esperar ele mais um pouco. (Ana, o observa sem parar e levanta, olhando em silêncio)

Cena XVII

(Já está tudo aqui, despojado, é um mundo repleto de um sóco no lado de fora. Abre um espelho com um pé molhado (querendo ver de cabeça quente) e o choro, dando a impressão de não estar bem. Como



como se o sol fosse lá fora. Mexer um pouco mais e encontra um ginásio, muito no meio. Olha curiosamente para o ginásio. Ele olha bem para o lugar e para si mesmo, depois olha para dentro profundamente e resolve silenciosamente voltar para a casa dos pais. (Se andando sozinho.)

Cena 25/III

(Ana está sentada frente a casa, cantando. Alcega, é nítida a expressão dela em outro mundo, o olhar e a fala são paucíscos no diálogo, ela se movimenta como se estivesse em uma cadeia de balança. Deixei muitas vezes superpostado entre o e a observação pessoal)

IRAS: Mãe? (Elas ela e o filho, ele se aproxima) Mãe??? (Ela e o filho no meio mas não reconhece)

ANA: (Distante e melancólica) Precisa de ajuda filho? Se precisar me manda ajuda sim... Ele é bom, entende tudo da terra, ele vai viajar daqui a pouco mas eu sei que ele volta. Acho que ele foi buscar nosso filho, porque o nosso menino nunca dormiu e acho que ele se perdeu em algum sonho por aí... Mas eu devo logo chegar, eu sei que eles chegam sim... Com certeza eles chegam. Mas se o moço quiser esperar pode ficar a vontade e para um pouco pra voltar.

IRAS: (Entendendo a situação da mãe e sentido a culpa por ir) O seu marido, o... Augusto né?

ANA: (Distante e melancólica) É ele é o meu marido sim. O Augusto. Ele é bom, entende tudo da terra, ele vai viajar daqui a pouco, mas eu sei que ele volta. Acho que ele foi buscar nosso filho, porque o nosso menino nunca dormiu e acho que ele se perdeu em algum sonho por aí... Mas eu devo logo chegar, eu sei que eles chegam sim... Com certeza eles chegam. Mas se o moço quiser esperar pode ficar a vontade e para um pouco pra voltar.

IRAS: Sim, eles voltam sim. Mas ele tá onde agora? O Augusto?

ANA: Ele vai viajar. Mas ele vai dizerme que o seu mundo não passa mal...

IRAS: Ele tá bem? Tem perguntado pelo filho?

ANA: O Augusto? Meu marido? Ele é bom, entende tudo da terra, ele vai viajar daqui a pouco, mas eu sei que ele volta. Acho que ele foi buscar nosso filho, porque o nosso menino nunca dormiu e acho que ele se perdeu em algum sonho por aí... Mas eu devo logo chegar, eu sei que eles chegam sim... Com certeza eles chegam. Mas se o moço quiser esperar pode ficar a vontade e para um pouco pra voltar. Ah... ali, ele tá vindo. Eu tenho certeza com ele mas ele não responde nada direito. (Aponta para o lado e aparece um cortejo. Augusto está em cima de uma palheta na mão, sendo carregado por Lindaura, Ceane e a mamãe. Fica morto, com três ginásios junto ao peito. Ana continua sentada, se balançando e olhando para nada, então começa a cantar "Fora Amarela". O cortejo passa ao som da música, quando volta atrás, todos o olham. Ele se fica parado um tempo, depois volta na cadeira e depois ele sai que está no chão, pega o regador e vai pro campo pra cuidar dos Girassóis. (FIM DO ESPETÁCULO - 09/2005 - refeito em 11/2006)

